

A Eficácia da Hora do Conto como Mecanismo de Estímulo à Leitura

CLECI MARLENE GRANDI*

RESUMO: Mostra através de levantamento bibliográfico a importância do contador de histórias para despertar o gosto pela leitura, e esta como veículo para conhecimento do mundo e as opções que a literatura oferece. A Hora do Conto é uma maneira agradável de introduzir a criança no mundo mágico do livro e criar o hábito de ler ou o gosto pela história.

DESCRITORES: Hora do Conto: Hábito de Leitura
Time of Tale: Practice of Reading

ABSTRACT: The author intends to show by a bibliographical survey the importance of story tellers to stimulate the reading pleasure. Reading is an important way of knowing the world and the choices that literature offers. Telling stories is a pleasant way of introducing the child to the magic practice world of books, creating the practice of reading, and stimulating the pleasure for reading.

1 INTRODUÇÃO

Os fatores que influenciam na formação de cada um de nós são os mais variados e se somam e se multiplicam no decorrer de nossa vida. Hábitos, habilidades, atitudes, ideais, são produto das mais diferentes experiências vividas.

A assimilação em cada um de nós é diferente porque somos diferentes a partir da nossa visão de mundo. Por isso mesmo o texto de literatura infantil e a Hora do Conto influenciam diversamente no desenvolvimento intelectual, afetivo, social de cada educando. Apesar das diferentes reações de cada um, ouvir e ler

* Aluna do 3º semestre do Curso de Biblioteconomia. Trabalho realizado para a disciplina BIB-197 Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia, sob a orientação da Profª Ana Maria Dalla Zen.

histórias infantis influenciará na formação de uma criança e sem dúvida despertará um leitor.

Literatura é vida, visão do mundo e os textos colocados à disposição das crianças devem conter uma ampla gama de opções, para que acrescentando à sua experiência as dos outros autores sua visão de mundo vá sendo constantemente recriada.

Se literatura é experiência estética que não está presente apenas na circunstância textual e sentimentos do autor, mas também no aqui e o agora do leitor, então este deve ser considerado, em seus interesses e motivações específicas, para que o texto atinja e ele passe a se interessar mais e mais pela experiência individual da leitura, chegando a tornar-se um bom leitor.

Isso pode ser alcançado pelo educando com a ajuda dos professores e bibliotecários criando espaços para a formação do hábito de ler através de experiências positivas como a Hora do Conto.

2 LITERATURA INFANTIL

2.1 Aspectos gerais

A literatura é importante no desenvolvimento harmonioso da criança, nos aspectos social, afetivo e cognitivo.

A leitura contribui de forma decisiva na formação do ser humano. Desenvolve a reflexão e o espírito crítico. É fonte inesgotável para compreender a si e ao mundo. Propicia o crescimento interior, levando-nos a viver as mais diferentes situações possibilitando a formação de parâmetros individuais para medir e codificar nossos sentimentos.

A literatura infantil apareceu durante o século XVIII, época em que mudanças na estrutura da sociedade causaram a decadência dos gêneros clássicos, os assuntos muito lógicos e aristocráticos cedendo lugar a manifestações de fatos da vida burguesa. Com a ascensão da família burguesa, é concedido novo "status" à criança; a leitura passa a ser associada com a Pedagogia, que dela se servia como instrumento para seus objetivos de preparação de uma elite cultural, preservação de valores e ascensão social.

Na segunda metade do século XVIII acentuava-se a reação contra as doutrinas artísticas neoclássicas. Os novos parâmetros têm feição romântica, com predomínio da concepção do fenômeno estético como fim de si mesmo para desencadear prazer. A imaginação seria a faculdade estética maior, concepção revalorizada pela vanguarda europeia, pelos simbolistas do século XIX e combatida pelos naturalistas (Zola).

Ainda no século XIX com os pensamentos filosóficos e sociológicos a partir de Comte, as idéias positivas, a valorização do cientificismo e objetivismo firmam-se as tendências realistas e naturalistas das artes.

Mais tarde, ao final do século XIX desenvolve-se a crítica impressionista e a busca do meio-termo entre o subjetivismo e o cientificismo.

Na filosofia social, como para os naturalistas, numa reação ao que consideravam o escapismo dos românticos, a literatura passa a utilitária, como meio para a compreensão do social e atingimento do bem comum.

Também no final do século XIX e já no século XX com a ênfase dada à psicologia e à psicanálise, aos interesses e necessidades individuais, é retomada a preocupação em conceder à infância atenções especiais. Surgem assim manifestações como a literatura dirigida a crianças e estudos sobre a necessidade de sua interpretação.

Para a psicanálise (Freud), a literatura passa a ser vista como a sublimação de complexos pessoais e a fantasia como depositária de desejos insatisfeitos, atos falhos, sonhos e desejos secretos.

Em meio às flutuações das diferentes correntes de pensamentos e influenciada por elas a literatura se movimenta, influenciando, por sua vez, naquilo que é escrito para crianças mas é inegável que foi através da Psicologia que a fantasia voltou a ser considerada como o fator mais importante na literatura para crianças. Com a valorização da infância e da tradução de textos de crianças e para crianças, a Literatura Infantil adquire "status" *próprio*, passando a ser encarada quase como um gênero.

Apesar de consagrada a expressão *Literatura infanto-juvenil*, de vez em quando é levantada a questão de sua adequação. O argumento é que literatura *infantil* seria produzida pela criança e não do adulto para criança.

Parece uma discussão superada. O importante, isso sim, é distinguir que nem tudo que é produzido para leitura da criança pode ser concretizado como *Literatura* é freqüentemente confundida com o livro didático, o conto de fadas, a história em quadrinhos.

Nesse caso, a discussão parece procedente. Cabe aos educadores profunda reflexão sobre a questão, pois há uma proliferação de textos escritos para crianças e juvenis, com fins comerciais ou até ingênuos, que nada tem a ver com *Literatura infanto-juvenil*, sejam eles em prosa ou verso.

2.2 Texto literário

Literário é o texto ou poema em que há identificação ou simbiose quase perfeitas entre imagens — formas de linguagem criadas — o conteúdo — envolvendo tema, situações, adequação de personagens à proposta de enredo, ambiente, expressão individual, mundo narrado ou revelado — com lugar para o imaginário.

É a união entre as idéias, imagens e como essas imagens são apresentadas ao leitor, dando espaço para que este crie seu próprio jogo de imagens e idéias, sem comunicações fechadas, pré-concebidas, puramente didáticas, de conteúdo moralizando ou de aculturação. Segundo ABRAMOVICH:

“É suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões —, é estimular para o desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar... Afinal, tudo pode nascer dum texto” (1, p.8).

A mensagem literária é, acima de tudo, alternativa e possibilidade de recriação, a partir da apreensão de um sentido (emotivo, social, estético, etc.) na linguagem expressa.

Concluindo, a literatura infanto-juvenil, considerada como modalidade literária, integra-se à arte literária, segue seus parâmetros, apresentando apenas certas particularidades que repousam principalmente na adaptação da linguagem para aceitação dos textos pelo público a que se destinam respeitados os parâmetros de uma linguagem poética criativa.

O que caracteriza ou individualiza, pois uma obra como de literatura é a adequação das imagens a seu destinatário, é a percepção empática do que serve à receptividade da mente da criança e não à mera utilização de personagens crianças, de animais, de diálogos curtos, rimas, diminutivos, sons onomatopáicos.

É claro que esses elementos podem ser componentes de textos endereçados à criança, mas o elemento essencial é aquele que ela aceita por razões motivacionais quase inexplicáveis, situadas no puro encontro entre o simples e o belo. Resulta de um processo bastante intuitivo de criação, com lugar para a emergência da capacidade intuitiva e para a recriação, conforme vivências do leitor.

2.3. Primeiras manifestações literárias infantis e o conto de fadas no Brasil

GUILHERMINO CÉSAR (4) apresenta Carlos Jansen como *um precursor de Monteiro Lobato*.

Esse imigrante alemão veio para o Brasil em 1851. Fundou um periódico semanal literário, *O Gaiúba*. Fazia comentários de fatos literários, ficção e tradução de autores alemães e franceses.

Mais tarde, Carlos Jansen traduziu com elegância, tanto do alemão como do espanhol e do francês, diversas obras-primas. Tivemos, assim, naquela época esplêndidas adaptações de Quixote, das viagens de Gulliver, Robinson Crusóé, as Mil e Uma Noites, as Aventuras do Barão de Münchhausen, além de livros de melhor estofo.

Foi pelos imigrantes que chegaram até as crianças brasileiras, também, as primeiras adaptações dos clássicos contos infantis de Perrault, de Hans Christian Andersen e dos Irmãos Grimm. Não houve preocupação ou acesso aos mitos e lendas dos indígenas nativos. Só mais tarde eles apareceram mesclados aos misteriosos contos espalhados dos galpões das senzalas para a infância dos senhorzinhos.

No início do século a obra para crianças de maior circulação no Brasil era *Histórias da Carochinha*, publicação da Livraria Quaresma, do Rio de Janeiro, que reunia os contos de fadas, lendas e fábulas mais traduzidas e popularizadas pela tradição oral.

Monteiro Lobato, tocado pelas correntes intelectuais européias influenciadas pela psicologia e pedagogia, já em 1912 passa a preocupar-se com uma literatura voltada para a formação de conceitos e transmissão de padrões comportamentais, com a introdução do componente nacional de cultura.

Para ele, livro é fonte de educação e prazer. Em 1920 passa a escrever para crianças, introduzindo paisagens e motivos populares reais onde se movimentam personagens ficcionais, com valorização do folclórico, de mitos clássicos, lendas regionais, com o criativo mesclado ao realismo e ao cientificismo. É o que fica bem caracterizado no Sítio do Pica-pau-amarelo, bem como em outras obras suas.

O teste supremo para verificar se algo escrito por adulto para literatura infantil é a própria criança, que vai aceitar ou rejeitar o escrito.

Desponta ainda, como precursor na modalidade, Orígenes Lessa.

Quase ao mesmo tempo, no Rio Grande do Sul, Érico Veríssimo cria histórias destinadas à parte do universo dos interesses infantis.

Escreve *As Aventuras de Tibicuera* e outras seis histórias editadas pela Globo, estas mais tarde reunidas no volume *Gente e bichos: As aventuras do avião vermelho; Os três porquinhos; A vida do elefante Basílio; O urso com música na barriga e Rosa Maria no castelo encantado.*

Atualmente um grande número de escritores tomou consciência da importância do leitor iniciante. Têm até surgido editoras especializadas para o público jovem.

Só no Rio Grande do Sul podem ser citadas obras de Mário Quintana, Mery Weiss, Sérgio Caparelli, Josué Guimarães, Antônio Hohlfeldt, Ana Maria Bohrer, Maria Dinorah Luz do Prado, Zahyra de Albuquerque Petry, por exemplo.

No Brasil, repetidas vezes é atribuída aos contos de fadas função colonizadora e alienante, com a *importação da cultura* em voga no final do século XVIII, de inspiração burguesa; também são considerados como forma de autoritarismo familiar, na transmissão de cultura alienígena, irreais e falsos.

Se por um lado os teóricos da literatura negam esses contos, pelas razões expostas e outras mais, como interpretar a reação e aceitação da criança aos mesmos. O fascínio exercido pelo mágico, pela fantasia dos contos clássicos como os Perrault, Andersen, dos Irmãos Grimm, de Lewis Carroll.

Uma tentativa de interpretação desse fenômeno de aceitação é o estudo de Bruno Bettelheim no livro *Psicanálise dos Contos de Fadas*, em que o autor tenta explicar o mecanismo de situação de "status" dos contos clássicos pela identificação psicológica da criança com personagens e situações simbólicas dos contos. Essas seriam representativas de situações com as quais ela se defronta sem encontrar respostas ou soluções: agressividade versus amor pelos pais e irmãos, por exemplo, consciência de inferioridade física diante dos outros ou da vida, que ela identifica e resgata através do pequeno herói capaz de vencer o gigante.

A maior contribuição desses contos, além de permitir o desenvolvimento da imaginação, pela fantasia, é em termos emocionais, onde se propõe as tarefas de fantasia, escape, recuperação e consolo, falando para a criança de medos, etc., que para o adulto são irreais mas que para elas são *reais* e favorecendo a recuperação porque sempre encontram um final feliz, catártico para a criança, pois imaginação, ilusão, sonhos, seriam importantes para o equilíbrio do indivíduo. Segundo GARCIA:

"O fascínio que castelos, princesas, carruagens e seres encantados exercem sobre a criança persiste ainda hoje. Em meio a Menudos, desenhos animados, videogames e novelas, as crianças não desprezam o mundo maravilhoso dos contos de fadas. Lendo ou ouvindo essas historinhas, os olhos delas brilham, a imaginação voa e o coração se divide: ora a favor de um personagem, ora a favor de outro, na certeza de que tudo aquilo existe de verdade" (7, p.14).

Numa literatura infantil mais realista e moderna, os autores têm conseguido contar lindas histórias, mais voltadas ou a partir da experiência, das vivências das crianças de hoje. Assim fazem Mary Weiss, Sérgio Caparelli, Antônio Hohlfeldt, Wander Piroli, Ary Quintella e outros.

3 AQUISIÇÃO DO HÁBITO DE LEITURA

Em publicação da UNESCO encontra-se que o hábito de leitura é adquirido até os 12 ou 14 anos. A maior probabilidade de aquisição do hábito, é a iniciação ao livro desde a primeira infância, por isso hoje já existem livros de pano, materiais resistentes, ilustrados com tintas não tóxicas, já que a criança realmente usa o livro, toca-o, vira-o, mastiga-o.

Assim, antes mesmo de chegar à escola essa oportunidade de manuseio de livros, a exposição a eles, às histórias lidas pelos adultos é fundamental.

É importante na formação de qualquer criança estas histórias e assim se dá o início da aprendizagem para ser um leitor e ser leitor é ter todo o caminho de descoberta e compreensão do mundo. Segundo ABRAMOVICH:

“Ouvir e ler histórias é também desenvolver todo o potencial crítico da criança. É poder pensar, duvidar, se perguntar, questionar... É se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de idéia... É saber criticar o que foi lido ou executado e o que significou... É ter vontade de reler ou deixar de lado de vez... É ficar fissurado querendo ouvir de novo mil vezes... É formar a opinião própria, é ir formulando os próprios conceitos. . .” (1, p.8).

Infelizmente, dentro do contexto social do país isso é bem difícil, mas não impossível se forem consideradas boas iniciativas que professores e instituições diversas, públicas e particulares, até editoras, têm promovido junto a creches, escolas, aos pais e comunidades, seja com doações de livros, palestras aos pais, bibliotecas itinerantes e comunitárias até as feiras de livros.

Na escola, é preciso ter sempre em mente que o desenvolvimento do gosto pela literatura faz parte dos projetos educativos a serem desenvolvidos em sala de aula, mas que literatura não se *ensina*. O que cabe à escola é abrir oportunidades para que o *aluno aprenda* a gostar de ler... e que ele queira ler. A função é mais artística do que funcional. Segundo ABRAMOVICH:

“Se a criança não lê é porque não lhe estão contando histórias ou não lhe estão apontando caminhos para o desfrute de bons e belos textos... Literatura é arte, literatura é prazer. . .” (1, p.8).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A NATUREZA DA LITERATURA: LITERATURA EM SALA DE AULA

O professor que é responsável por introduzir o aluno no mundo da literatura deve considerar o duplo aspecto de sua natureza:

- a) literatura como experiência humana estética, que não apenas dá prazer, mas que também recria a vida em vários graus de intensidade e dimensão de valores;
- b) literatura como objeto de estudo ou de curiosidade intelectual de faixa de público a que se destina e que não deva ser imposta.

São dois aspectos inseparáveis, mas há sempre o risco de o primeiro deles ser desviado ou não apreendido. A literatura não pode mais ser considerada como um conjunto de personagens em situação, envolvendo enredo, trama, tempo, espaço, etc., objeto decorativo na vida e na cultura.

Não é possível ignorar esta realidade: literatura é vida, fácil de ser colocada à disposição do aluno, cheia de tensão humanizante e uma das mais profundas expressões do "ethos", da visão de mundo projetada de alguém para alguém.

Aceitando a premissa de que a literatura é vida, é visão de mundo, os textos a serem colocados à disposição do aluno devem conter uma ampla gama de opções, para que acrescentando à sua experiência as dos outros autores sua visão de mundo vá sendo constantemente recriada.

Se literatura é experiência estética que não está presente apenas na circunstância textual e sentimentos do leitor, então este deve ser considerado em seus interesses e motivações específicas para que o texto atinja e ele passe a se interessar mais e mais pela experiência individual de leitura, chegando a tornar-se um bom leitor. Para isso ele deve perceber que ser bom leitor é como ser bom escritor, no sentido de poder recriar na sua leitura, o que foi sentido, intuído e recriado pelo poeta ou ficcionista.

Como isso pode ser alcançado pelo aluno, com a ajuda do educador?

- a) criar espaço para a formação do hábito de ler, por experiências positivas ligadas ao modelo adulto e força que este lhe dá;
- b) acentuar a singularidade de sentir-se participante da experiência estético-literária, um ato poético em si e reconhecer que só se atinge a essência da literatura através do jogo imaginativo escritor-leitor, no posicionar-se emocionalmente para sentir o poema ou texto;
- c) abrir oportunidade para discussão dos porquês de sentimentos, reações provocadas pela leitura, trechos mais tocantes a este ou àquele leitor, para a descoberta de imagens originais;
- d) abrir espaços para a narração do que foi lido, para a representação mímica, dramática, musicalização; a associação literária e artes plásticas, literatura e teatro, literatura e música, literatura e expressão corporal tem viabilizado a integração da Área de Comunicação e Expressão que os professores consideram tão difícil por conjugar conteúdos que, tratados simplesmente como disciplinas, são estanques como Literatura, Música, Educação Física; admitir o texto de ficção como fonte motivadora para redações livres, para síntese, descrição de personagens, cenários, recriação de diálogos, mas jamais, como pretexto para exercícios gramaticais;
- e) apoiar o aluno com conhecimentos básicos para compreensão do texto (históricos, filosóficos, sociológicos, vocabulares, etc.) e das circunstâncias textuais concebidas, respeitando sempre o objetivo de estabelecer

o sentimento estético escritor-leitor. A literatura geralmente apresenta um limite espaço-temporal-cultural, mas narrativas ou poemas sem esses limites do conhecimento são facilmente aceitos e assimilados; aí está a TV, para provar; explorando o imaginário ela aposta na capacidade da criança. O bom livro também;

- f) descobrir, com o aluno jovem, implicações éticas e estéticas, explícitas ou implícitas, que todo texto contém. A responsabilidade social do autor é inseparável de sua visão estética. O aluno mais adiantado deve examinar o texto em dupla perspectiva — uma ética e outra estética — para poder atribuir novas dimensões à tradicional análise histórico-literária (de correntes, escolas literárias, tendências, etc.) ou da pura análise formalista ou estruturalista do texto. Todas essas são apenas informações complementares.

5 A HORA DO CONTO

Conforme FERRONATO (6) depois de constatar a importância do ato de ler, de criar leitores antes de escritores, de constatar que crianças-leitoras se destacam das antileitoras pelo senso crítico aguçado, pela criatividade, pela habilidade de expressão, pelo espírito de iniciativa, pela desinibição em colocar suas idéias pelo aproveitamento obtido nas demais disciplinas, encontrou-se através da Hora do Conto, o caminho para despertar na criança o gosto pela leitura.

De acordo com o autor, para atingir o objetivo de ler por prazer é necessário que a criança (1ª à 4ª série), tenha no mínimo uma hora semanal destinada ao contato íntimo e direto com os livros. Esta atividade deve ser desenvolvida por um professor específico, que deslocará as crianças até a biblioteca infantil, ou sala de literatura infantil, a fim de lá processar a Hora do Conto.

Deve criar-se um ambiente propício, para a criança sentir-se descontraída e à vontade. Uma boa opção é um grande tapete forrado de almofadas, onde a criança procurará sua acomodação confortável. Tomada essa providência a criança estará pronta a deliciar-se com as histórias e o professor-bibliotecário usará as estratégias que lhe convier para valorizar o livro e o texto.

É de suma importância que ele esteja preparado para este momento. O domínio do conto a ser narrado deve ser perfeito para captar a total atenção do ouvinte. Quem conta tem que criar o clima de envolvimento, de encanto... Saber dar as pausas, o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar os seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei e tantas coisas mais...

CUNHA(5) revela os oito grandes segredos de um contador de histórias:

1 *Curta a história*

O bom contador acredita na sua história, se envolve e vibra com ela.

2 *Seja natural*

Uma boa história não precisa de enfeites e artificialismo.

3 *Fvite adaptações*

Ler exatamente o que está escrito no livro, não priva seus alunos do contato com o bom texto literário.

4 *Não fuia de palavras consideradas difíceis*

Se a criança não entender alguma palavra e tiver interesse certamente perguntará o seu significado.

5 *Não explique demais*

Explicar é uma atitude muito maternal, é afirmar que a criança é muito pequena, é subestimá-la.

Ao fazer a tradução, o professor esclarece demais e não deixa nenhum mistério para a criança.

6 *Uma história é um ponto de encontro*

Ao entrar numa roda de história, a criança participa de uma experiência comum, que facilita o conhecimento e as ligações com as outras crianças.

7 *Uma história é um ponto de partida*

A partir de uma história é possível desenvolver outras atividades — desenho, massa, cerâmica, teatro ou o que sua imaginação e a das crianças sugerirem.

8 *Moral da história*

Nenhuma. Ou melhor: Várias. “Essa história sobre os segredos das histórias e os contadores de histórias não é uma história fechada. É, aliás, só o começo, um prólogo. O resto quem conta é você, com sua experiência, imaginação e bom senso” (5, p.42-4).

6 CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou através de levantamento bibliográfico elucidar a importância da Hora do Conto para a formação de hábitos de leitura na criança, envolvendo pontos importantes como leitura, literatura, papel dos educadores e bibliotecários. Assim concluiu-se que:

À escola através de professores e bibliotecários cabe a tarefa de desenvolver o interesse pelos livros. A escola não deve se restringir a ensinar a ler, vai além, enriquecendo seus alunos com a aquisição de instrumentos para o seu processo de permanente transformação.

Não basta colocar a criança em contato com o livro para se conseguir formar um leitor. É preciso observar alguns detalhes muito importantes, porque a leitura pode tanto transformar-se em sinônimo de espontaneidade, liberdade e prazer, como também de cobrança, de dever escolar, de castigo.

A Hora do Conto tem esta responsabilidade, de mostrar a leitura e a literatura de maneira agradável. É o caminho para despertar na criança o gosto pela leitura.

A biblioteca promove a Hora do Conto, pretendendo propiciar aos alunos a oportunidade do contato físico com os livros além de conhecer os clássicos da literatura infantil, a criação e desenvolvimento do gosto pela leitura. Faz com que o aluno se habitue a freqüentar a biblioteca, ouvir e ler histórias e ficar conhecendo escritores.

A Hora do Conto, através das histórias contadas, desenvolve a imaginação, recreia, sensibiliza, educa, libera tensões emocionais, desperta a curiosidade intelectual, atende necessidades psicológicas, enriquece a comunicação verbal, disciplina a atuação (bom ouvinte), desenvolve o pensamento lógico e crítico, promove sentimentos de compreensão, de simpatia humana, encontro com o outro, com o mundo que cerca a criança e consigo mesmo.

7 BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 ABRAMOVICH, Fanny. Por uma arte de contar histórias. *Fazendo Artes*. Rio de Janeiro (4): 8, 1984.
- 2 BETTHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- 3 CENTRO DOS PROFESSORES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Departamento de Cultura. Núcleo 14 (São Leopoldo). *Hora da estória*. São Leopoldo, s.d. 2f. Mimeografado.
- 4 CESAR, Guilhermino. Um precursor de Lobato. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 dez. 1977. Caderno de Sábado, p. 3.
- 5 CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Oito segredos de um contador de histórias. *Nova Escola*, São Paulo, 2(10): 42-4, mar.1987.
- 6 FERRONATO, Ana Maria. A hora do conto. *Revista Integração*, Canoas, 15(44):29-33, out./nov. 1986.
- 7 GARCIA, Zélia. A criança e os contos de fadas; o poder do encantamento. *Zero Hora*, Porto Alegre, 25 ago.1985. Revista ZH, p.15.
- 8 GRANDI, Cleci, LIMA, Lídia; SCHNEIDER, Tamara. *Projeto de estudo de usuário*. Porto Alegre, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, 1987. 31p. Trabalho da Disciplina de Estudo de Comunidade e Usuários do Curso de Especialização em Bibliotecas Públicas e Escolares.
- 9 HORA do conto como incentivo à leitura. *Revista do Professor*, Porto Alegre, 1(2):18-9, abr./jun. 1985.
- 10 INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Literatura para crianças e jovens: subsídio n. 7* Porto Alegre, 1985. 18f. Mimeografado.
- 11 FOÇAS, Iria Müller. Contando histórias: um momento mágico. *Revista do Professor*, Porto Alegre, 1(3):40-1, jul./set. 1985.
- 12 PRADO, Maria Dinorah Luz do. A arte de contar histórias. *Revista Lições*, São Leopoldo (3):23-4, edição de Verão, 1986.
- 13 RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. Centro de Documentação. Supervisão de Bibliotecas Escolares. *Subsídio de orientação sobre a hora do conto como incentivo da leitura na biblioteca escolar*. Porto Alegre, 1985. 17f. Mimeografado.
- 14 SOBRAL, Elvira. *Hora do conto; programa de bibliotecas escolares*. Porto Alegre, IEL, s.d. 2f. Mimeografado.